

**Aspectos da crítica sobre a obra de Cornélio Penna:
do romance intimista ao mistério**

*Aspects of the Criticism of the work of Cornélio Penna: from the intimate
romance to mystery*

Jozelma de Oliveira Ramos¹

Resumo: O presente trabalho é uma abordagem ao livro *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna. Intenta-se refletir sobre alguns aspectos da crítica sobre essa obra e, para tanto, foi estudada a fortuna crítica de Penna, que revela o fato de que alguns de seus estudiosos, a princípio, fizeram uma leitura da obra do autor como um romance intimista de cunho social, apesar de já apontarem a presença do mistério na obra corneliana. Além disso, foram indicados elementos do texto de *A menina morta* que remetem às narrativas de mistério, as quais ganharam importância e novos contornos com o advento do romance moderno – como o romance gótico e as narrativas policiais – sem, no entanto, classificar o texto corneliano dentro dessas ou de quaisquer outras narrativas de mistério.

Palavras-chave: Cornélio Penna; intimismo; romance social; mistério.

Abstract: The analysis made of the book *A menina morta* (1954), written by Cornélio Penna, intends to reflect on some aspects of criticism about this work. For this intent, we studied Penna's critical fortune, to show how, at first, some of his students have read Penna's work like an intimate romance with social nature, but indicating traces of mystery in his work. In addition, we indicated text elements of *A menina morta* that recall the mystery of narratives, which have gained importance and new shape with the advent of modern romance, as the Gothic romance and police narratives, without, however, classify Penna's text within these or any other mystery stories.

Keywords: Cornélio Penna; intimism; social romance; mystery.

Recebido em 1 junho de 2015.
Aprovado em 28 de junho de 2015.

Cornélio Penna tem sido classificado como apenas um escritor intimista da década de 1930 que não se preocupou muito com questões histórico-sociais, apesar de ter sido esse um período de intensas mudanças políticas no Brasil e no mundo.

A intelectualidade da época se viu dividida em duas frentes que estavam sendo estabelecidas, ou seja, a dos romancistas de esquerda (escritores de romances de cunho social

¹ Mestre em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharelada em Língua francesa na FALE-UFMG. E-mail: joze.ramos@yahoo.com.br

e que viam na literatura uma forma de promover mudanças sociais) e aqueles que eram considerados de direita (católicos, autores de literatura com ênfase na psicologia, no intimismo). Segundo Antônio Cândido, “os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente [...] manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica”. (CÂNDIDO, 1989, p. 182).

A respeito disso, também afirma Luis Bueno: “A nova geração, formada depois da primeira guerra sentia estar diante de duas opções apenas: a extrema direita ou a extrema esquerda.” (BUENO, 2001, p. 33).

É possível notar, assim, que a polarização entre direita e esquerda era marcante na intelectualidade da época, tanto que escritores, como Jorge Amado, acreditavam que a opção clara por uma ou por outra era uma questão de honestidade:

(...) Esses [os romancistas brasileiros] que se definem são honestos. O que não se admite são os que querem agradar a todo mundo, a Deus e ao Diabo, se colocando na cômoda posição de romancistas puros e sem cor política. Em 1934, isso não pega mais. (AMADO, 1934, p. 51 *apud* BUENO, 2001, p. 34).

A divisão entre direita e esquerda era tão marcada que, inevitavelmente, foi assimilada pela maior parte das histórias da literatura, que classificaram as obras do período de acordo com a temática que nelas era mais evidente, ou seja, o intimismo (identificado com a direita) ou o regionalismo (identificado com a esquerda). É o que ocorre em *A literatura no Brasil*, coleção organizada por Afrânio Coutinho, a qual, além de explicitar que toda a literatura de 1930, é uma continuação do movimento modernista de 1922 – e, por isso, intitula o capítulo de “O Modernismo na Ficção”² –, que subdivide os autores, como se vê abaixo na transcrição do índice, entre “regionalistas” e “aqueles ligados ao “psicologismo e costumismo”:

O Modernismo na Ficção: I. Antecedentes. As duas linhagens da ficção brasileira: legado do século XIX. O Modernismo. Pioneiros do ciclo nordestino: Franklin Távora, José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo, Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Gustavo Barroso, Mário Sete. Outros precursores do regionalismo modernista. O romance carioca do modernismo. Adelino Magalhães. Classificação da ficção modernista: corrente social e territorial; corrente psicológica e costumista (...) III. Regionalismo: José Américo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos. IV. Psicologismo e Costumismo: José Geraldo Vieira, Cornélio Penna, Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso, Otávio de Faria, José Montelo. (COUTINHO *et al.*, 1970, p. 203)

Em *História da Literatura brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio, há uma visão muito semelhante à de Afrânio Coutinho. Afirma a autora: “O novo compromisso dos anos trinta elege, sobretudo, a prosa: *de um lado, social e regionalista, de outro, introspectiva e urbana.*” (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 523 - grifo meu). Alfredo Bosi (1989) também parte dessa divisão tradicional, pois quando apresenta os escritores do período, fala em “ficção regionalista”, de um lado, e em “páginas de sondagem psicológica e moral”, de outro. Entre os escritores que produzem essas páginas inclui Cornélio Penna.

Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como “a era do romance brasileiro”. E não só da ficção regionalista, que deu os nomes já clássicos de Graciliano Ramos,

2 A continuidade entre Modernismo de 22 e Romance de 30 foi problematizada, com argumentos sólidos, por Luis Bueno (2006).

Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo; *mas também da prosa cosmopolita de José Geraldo Vieira, e das páginas de sondagem psicológica e moral de Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, Otávio de Faria e Cyro dos Anjos*. (BOSI, 1989, p. 388-389 - grifos meus).

Entretanto, é preciso ressaltar que Bosi (1989) não restringe a prosa do período a essas duas tendências, mas acrescenta uma terceira, chamada de “prosa cosmopolita”, que inclui escritores como José Geraldo Vieira. A inclusão de uma categoria nova já questiona a validade da divisão, uma vez que demonstra a sua impossibilidade de abarcar a totalidade do campo a que se refere. Bosi (1989) também problematiza essa ideia explicitamente. Afirma o estudioso:

A costumeira triagem por tendências em torno dos tipos: romance social/romance psicológico ajuda só até certo ponto o historiador literário, passado esse limite didático vê-se que, além de ser precária em si mesma (pois regionalistas e psicológicas são obras primas como *São Bernardo* e *Fogo Morto*), acaba não dando conta das diferenças internas que separam os principais romancistas situados em uma mesma faixa etária. (BOSI, 1989, p. 437-.438)

É isso que também afirma Luís Bueno (2006). Para ele, bem como para Bosi, dividir o romance da década, entre social e psicológico implica numa redução da complexidade desses textos.

Há pontos de convergência muito fortes entre as duas correntes ideológicas dominantes da intelectualidade brasileira daquele período, apesar das diferenças muito mais enfatizadas. [...] Não há absolutamente nada que separe o que há de psicológico do que há de social no homem, e que o isolamento desses fatores não faz outra coisa que levar a uma redução, de parte a parte, das possibilidades do romance enquanto gênero – e os mais bem-sucedidos autores do período vão ser aqueles capazes de escapar a esse tipo de armadilha. (BUENO, 2006, p. 203)

Na obra corneliana, que foi lançada na década de 1930, não há justamente uma separação arbitrária entre o social e o psicológico. A narrativa de Cornélio Penna, por meio de sua articulação estética, problematiza questões importantes que tem suas origens na sociedade patriarcal brasileira. Por isso, a obra do referido escritor tem como cenário o século XIX, marcado pelos grandes senhores de terra, escravos e agregados,³ que são características desse sistema escravocrata e patriarcal, o qual deixou muitas marcas na sociedade brasileira. Segundo a estudiosa Simone R. Rufinoni, o autor de *A menina morta* vai mostrar em sua obra “a constituição psicológica dos sujeitos históricos cujas vidas remetem às tensões sociais do Brasil no século XIX.” (RUFINONI, 2010, p. 23). Além disso, segundo o crítico Wander M. Miranda, Cornélio Penna “assinala a permanência de um conflito não sanado na origem, (...) onde se localizaria o processo de formação da nossa nacionalidade” (MIRANDA, 1997, p. 482). Esse processo foi assim descrito por Mary Del Priori:

a soma da tradição patriarcal portuguesa com a colonização agrária e escravista resultou no chamado patriarcalismo brasileiro. Tanto no interior quanto no litoral,

³ “a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. (...) Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto de um grande. O agregado é a sua caricatura.” (SCHWARZ, 1981, p.16)

ele garantia a união entre parentes, a obediência dos escravos e a influência política do grupo familiar sobre os demais. (PRIORI, 2006, p.1)

Entretanto, a obra de Cornélio Penna foi muitas vezes classificada como apenas intimista, mas, na verdade, a crítica social que esse autor faz é mostrada por meio da subjetividade de seus personagens que representam esses “sujeitos históricos” oprimidos pelo sistema patriarcal. Portanto, esteticamente, a obra corneliana foi articulada para se fazer uma crítica histórico-social do Brasil, de forma verossímilante, e, ao mesmo tempo, marcada pelo psicologismo. Por isso, é preciso entender a obra de Cornélio Penna como uma “(...) *orquestração formal* das tensões que marcaram a história de uma época” (RUFINONI, 2010, p.23 - grifo meu), mas dando ênfase aos conflitos humanos.

À época de Cornélio Penna havia uma polarização literária e política entre direita e esquerda na sociedade brasileira. Por essa razão, como já foi dito, o referido escritor foi classificado como sendo apenas intimista e católico. Isso ocorreu tanto nos livros de história da literatura quanto em boa parte da crítica, como também já foi citado neste trabalho. Um dos primeiros críticos de Cornélio Penna, Tristão de Ataíde, afirmou a respeito de *Frenteira*, de 1936, primeiro livro de Penna, que nada no livro se deve “ao ambiente e tudo à vida interior” (ATAÍDE. In: PENNA, 1958, p.3), ou seja, a sociedade escravocrata e patriarcal representada no livro seria apenas um cenário, e a principal característica da obra seria a psicologia dos personagens.

Outro crítico importante, Sérgio Milliet, também salientou que a subjetividade era a marca dos romances cornelianos, escrevendo sobre *Repouso*, de 1949, disse o estudioso:

É um romance de angústia, de solidão de insolubilidade. Mais ainda é um romance de frustração, pois o que o caracteriza seus heróis é exatamente o não realizado de suas existências. Não realizado em todos os sentidos, joguetes que são as personagens, pela incapacidade em que se encontram de escolher um destino, mas suficientemente lúcidas para esboçar alguns gestos de revolta, frutos da fermentação contínua de suas almas ou para, vencendo as veleidades de compreensão e simpatia, se enrijecerem na obediência aos preconceitos e convenções do meio. (MILLIET *apud* PENNA, 1958, p. 377-378)

Entretanto, em *Repouso*, a frustração dos personagens é devido a uma questão social muito comum no sistema patriarcal: o casamento arranjado, e isso não é destacado por Milliet em sua leitura da obra.

Entre os primeiros críticos de Cornélio Penna, Adonias Filho, semelhante à visão de Tristão de Ataíde, diz que o ambiente histórico-social em que se passa a obra corneliana é apenas um “cenário”, uma temática “nativista” que não “se impõe” como uma ficção regional. Para Adonias Filho, Cornélio Penna é um escritor católico que trata, em sua obra, de questões metafísicas.

Trata-se do aproveitamento do nativismo como uma peça de suporte que, restrita ao cenário, permite a circulação da mensagem. Essa peça é durável pois que, em seu percurso, vai do primeiro ao último romance e típicas são as suas peculiaridades: a pequena cidade do interior mineiro, a família em sua conformação patriarcal, a escravidão.

É fácil verificar que sua colocação não ultrapassa o cenário. Em todos os romances, embora constituindo o ambiente, impregnando a atmosfera, não supera o marginalismo em relação à mensagem. (FILHO *apud* PENNA, 1958, p. 22 - grifos meus)

Em 1955, ainda entre os primeiros ensaios críticos sobre Cornélio Penna e sua obra, destacou-se o estudioso Augusto Schmidt, por ter sido o único que, nesse momento, pôde enxergar uma crítica social em um livro de Penna, nesse caso, *A menina morta*:

(...) Cornélio Penna ergueu e apresentou o seu mundo e nos deu das mais extraordinárias páginas que se escreveram em nossa literatura e não sei se noutra qualquer sobre a escravatura, sobre a natureza dos negros que ajudaram com seu cativo a construir esta nação. (SCHMIDT *apud* PENNA, 1958, p. 724).

Todos esses primeiros críticos dos romances de Cornélio Penna faziam parte da chamada crítica impressionista, que era feita de forma “flexível e assistemática” (NUNES, 2007, p. 59) nos jornais. Além disso, foram poucos os críticos que escreveram sobre a obra corneliana e menos ainda os que escreveram sobre o livro *A menina morta*. Foi somente na década de 1970 que o crítico Luís Costa Lima fez uma análise mais detalhada sobre toda a obra de Cornélio Penna⁴, pois, segundo o estudioso, era necessário “tirar Cornélio Penna do limbo em que sempre esteve” (LIMA, 2005, p. 8). Para Costa Lima o livro *A menina morta*, lançado em 1954, por exemplo, pode não ter recebido a devida atenção na literatura brasileira por ter sido ofuscado pela publicação de *Grande Sertão: veredas* em 1956. (LIMA, 2005, p. 12). De qualquer maneira, a publicação do livro do referido estudioso se deu em um momento em que havia novas perspectivas, pois a teoria da literatura já estava em voga e a crítica já não era mais realizada nos jornais, mas na universidade. O estudo de Luís Costa Lima, feito em 1970, possui uma análise de viés estruturalista, mais especificamente lévi-straussiana.

Como Costa Lima embasou o seu estudo no método estruturalista de Lévi-Strauss, que tem uma importante perspectiva histórico-social, o crítico enfatizou como as questões sociais influenciavam a vida dos personagens de *A menina morta*. Entretanto, essa análise possui um excesso de classificações e esquematismos, devido à utilização do método estruturalista, que foi perdendo sua força ao longo do tempo.⁵

Assim como o estudo de Luís Costa Lima, a dissertação de mestrado de Wander Melo Miranda, também da década de 1970, baseia-se no estruturalismo de Lévi-Strauss, acrescido da problematização do tema da morte e da loucura em *A menina morta*. Para isso, o estudioso também utiliza a teoria da psicanálise, colocando o histrionismo como um comportamento comum a todos os personagens da narrativa.

Após as análises feitas por Costa Lima e Wander Melo Miranda, e confirmando a tendência de enfatizar a questão social em Cornélio Penna, surge, em 2004, a tese de doutorado de Josalba dos Santos, cuja qual um dos objetivos é discutir a visão de nação construída na obra do escritor. Para a estudiosa, a obra corneliana mostra como ainda estão arraigadas na sociedade brasileira questões problemáticas advindas do sistema escravocrata que vigorou no país. Isso também foi desenvolvido pela autora no artigo “A nação irrealizável de Cornélio Penna”:

O romance [*A menina morta*] apresenta uma espécie de narrativa de fundação nacional, porém invertida. Existe um temor constante de uma revolta dos negros,

4 O livro se intitulava *A perversão do trapezista*: o romance em Cornélio Penna e, mais tarde, em 2005 foi reeditado, pela Editora UFMG, com o título: *O Romance em Cornélio Penna*.

5 Mais tarde, em 1989, Luis Costa Lima publica *Aguarrás do tempo*, um novo estudo, em que, aparentemente desprendido dos limites do estruturalismo e mais próximo da perspectiva sociológica, ele vai retomar a questão do patriarcalismo no livro, conforme definido por Gilberto Freyre.

que impossibilita a construção de um mito original. O sentido é diverso do de *Casa-grande & senzala* porque em Freyre o relacionamento é harmônico desde o título; há um idílio entre o branco e o negro (SANTOS, p. 138, 2005).

Em 2006, aparece o livro *Uma história do Romance de 30*, de Luís Bueno, com um estudo que demonstrou, claramente, como psicologia e representação social andavam juntos na literatura desse período, ainda que, como já foi visto, não houvesse reconhecimento disso por parte dos manuais de literatura brasileira. No entanto, como foi possível perceber pela apresentação da fortuna crítica de Cornélio Penna, autor classificado, inicialmente, como um escritor intimista, os dados histórico-sociais que fazem parte da obra já tinham começado a aparecer nos estudos críticos. Todavia, foi depois do livro de Luís Bueno que a articulação entre social e psicológico no “romance de 30”, começou a ser mais discutida. Tanto que, em 2010, a publicação do livro de Simone Rossinetti Ruffinoni (2010), *Favor e Melancolia*, um estudo sobre *A menina morta* de Cornélio Penna, apresenta uma leitura do romance colocando-o como uma obra que faz uma “releitura do atraso” (RUFINONI, 2010, p. 12) social brasileiro devido à escravidão e ao sistema patriarcal. Para tanto a estudiosa utiliza o conceito adorniano de arte moderna “como enigma cujo deciframento expõe a nervura do real” (ADORNO *apud* RUFINONI, 2010, p. 10): “(...) A linguagem literária vista como forma enigmática cria um mundo novo cuja condição de existência é, dialeticamente, uma semiliberdade por meio da qual é possível refazer a riqueza da vida social”. (RUFINONI, 2010, p. 10)

Com isso, Ruffinoni, sobretudo, demonstra a indiscutível modernidade da literatura de Cornélio Penna, principalmente no que diz respeito ao livro *A menina morta*. A autora baseou seu estudo nas concepções de Anatol Rosenfeld. Para esse estudioso, o romance moderno foi marcado pela crise do sujeito que se observa na modernidade e, além disso, Rosenfeld problematiza a possibilidade de representação da realidade através da adoção de procedimentos que criam o efeito de “desrealização”. Anatol Rosenfeld, inicialmente, por meio desse conceito, referiu-se à pintura, pois afirma o estudioso que o termo “refere-se ao fato de que a pintura deixou de ser mimética, recusando a função de reproduzir ou copiar a realidade empírica, sensível” (ROSENFELD, 1996, p. 76). Na literatura moderna também se manifesta essa negação à representação, e isso ocorre, por exemplo, por meio do desrespeito à sucessão temporal. (ROSENFELD, 1996, p. 80). Para Ruffinoni, tudo isso está presente na constituição estética de *A menina morta*, pois “o realismo epidérmico contrasta com as marcas das subjetividades falhadas que se imprimem na forma – lutuosa, de um intimismo algo inorgânico – e ancoram o estilo da obra também no efeito de desrealização caro à modernidade” (RUFINONI, 2010, p. 37).

Como o surgimento do romance moderno ocorreu, na Europa, entre o final do século XVIII e a segunda metade do século XIX, devido à revolução industrial e a consequente ascensão da classe burguesa, a autora observa, que a modernidade na literatura foi resultado, portanto, de transformações ocorridas num mundo burguês e que são, a princípio, impróprias num país onde vigorou a escravidão e a troca de favores. Ruffinoni se propõe, então, a estudar, como essas ideias estéticas se adaptaram ao Brasil, da segunda metade do século XIX, recriado por Cornélio Penna em *A menina morta*. Entretanto, como há um enfoque sociológico, no estudo da autora, outros aspectos formais da constituição do livro, que também criam o efeito de desrealização, não são devidamente desenvolvidos.

De qualquer forma, a desrealização que a estudiosa reconhece em *A menina morta* está intrinsecamente ligada ao que foi apontado pela crítica anterior como a questão do “mistério” na obra de Cornélio Penna. Fausto Cunha, por exemplo, afirmou que há na obra de Penna um

“subjativismo quase fantástico” (CUNHA, 1970, p. 124). Luis Bueno refere-se às narrativas cornelianas como constituídas por um “ambiente cheio de fantasmas” (BUENO, 2006, p. 548). Além desses estudiosos, Bosi também vai apontar que há na escrita do referido autor um “efeito de mistério” (BOSI, 1989, p. 417) e Costa Lima comenta sobre o “clima fantasmal” (LIMA, 2005, p. 11) das narrativas de Cornélio Penna.

Todas essas observações aproximam o livro do romance gótico que surgiu em meados do século XIX. Segundo Josalba Fabiana dos Santos (2005), em *A menina morta* há muitas características do romance gótico (embora a autora não o considere como um romance propriamente gótico). Uma delas é o fato de a fazenda do Grotão estar localizada em um espaço bastante isolado, muito distante da cidade e de difícil acesso, fazendo com que os personagens vivam reclusos e que o contato com o mundo exterior quase não exista. Isso pode ser visto, por exemplo, pelos temores de D. Virgínia, por ocasião de sua viagem à Corte, pois ela temia “as estradas solitárias” (PENNA, 1958, p. 847) que teria de atravessar. Além disso, há o isolamento temporal: a história se passa no século XIX numa fazenda produtora de café às margens do Paraíba.

Outro aspecto que remete ao romance gótico é o tom macabro do título: *A menina morta*. Além disso, pode-se dizer que também é macabro o fato de o livro começar com Frau Luisa e a escrava Lucinda preparando o corpo morto da menina para o enterro (PENNA, 1958, p. 731).

Há ainda a sugestão constante na narrativa de que paira sobre o Grotão uma desgraça iminente: “Havia um princípio de desagregação, de ruína e desmoronamento que todos suspeitavam.” (PENNA, 1958, p. 823-824) – afirmações desse tipo estão por toda a trama. Também há os pressentimentos dos personagens a respeito dessa ruína que ameaça a família do Grotão, como é o caso de Celestina: “Talvez mesmo fosse toda a família dissolvida, pois cada dia passado ela sentia haver mais um elo se rompido” (PENNA, 1958, p. 987). Tudo isso dá ao texto de *A menina morta* uma certa atmosfera semelhante à do romance gótico.

Outro aspecto gótico da narrativa são os ruídos inexplicáveis percebidos por alguns personagens: “Sinhá Rola enquanto se acomodava lembrou-se de muitas vezes ter ouvido passos e ruídos sem nunca achar sua explicação, e sentiu longo arrepio, que a fez estremecer.” (PENNA, 1958, p. 1210). Além disso, histórias de terror também aparecem mais de uma vez no livro, como a da escrava sem rosto, que ajudou a antiga Sinhá a se preparar para dormir, contada por Dadade, a velha escrava que fora ama do senhor. A atmosfera de terror é ressaltada pelo fato de Dadade, aparentemente louca, confundir Celestina com a Sinhá, e pelo clima macabro de seu quarto escuro (PENNA, 1958, p. 863-867). Também há a história do bode preto, que Dadade conta a Celestina, dizendo que o animal apareceu amarrado perto das colunas da varanda, mas que ninguém nunca mais o viu. No entanto, mais tarde, no dia em que fugia da visão dos escravos no tronco, Carlota o vê: “Ainda teve tempo de distinguir grande bode preto, inexplicavelmente deixado prisioneiro ali” (PENNA, 1958, p. 1226). Embora Carlota não tenha ouvido a história de Dadade, e Celestina não saiba que a prima viu o bode, o leitor ouviu a história e acompanhou a visão de Carlota, por isso se recorda do momento fantasmagórico.

Entretanto, a mesma Josalba Santos observa que *A menina morta* não é um romance gótico:

O clima de mistério que perpassa os livros de Cornélio Penna é intrigante. Principalmente porque não existe uma tradição do gênero na literatura brasileira. O que intensifica a curiosidade do leitor é o fato de não se tratar de romance gótico. (...) É verdade que algumas das características marcantes desse desdobramento do

Romantismo são encontradas com facilidade: atmosferas penumbrosas e soturnas, tempo recuado, ambientes isolados, fantasmas, protagonistas como casos psicológicos. Há também um aspecto moral que dá o sentido do gênero: o Mal como o limite extremo e devastador que pode alcançar o humano. (...) Porém, esses elementos por si só não são suficientes para uma classificação rígida. No romance gótico eles têm uma função: dar sustos, deixar o leitor com medo. Na narrativa corneliana, o mistério encobre com a mesma intensidade que revela e nesse jogo expõe os mecanismos de construção da história do país. (SANTOS, 2005, p.135-136)

É preciso chamar a atenção para o fato de que, apesar das sugestões de intervenções mágicas, e dos outros elementos que sugerem alguma semelhança com o gótico, a narrativa não se desprende da lógica da verossimilhança e situa-se historicamente de forma precisa.

Como é possível perceber, a questão do mistério na obra de Cornélio Penna foi muito citada pela crítica, mas pouco estudada por ela. Não se investigou suficientemente os elementos formais que o constituem, nem de que forma esses elementos se organizam para construir a “visão de mundo” que a obra apresenta ao seu leitor.

Na obra corneliana, o mistério se impõe em meio à desagregação interior dos sujeitos, uma vez que há sempre um estado de angústia pairando sobre a história, juntamente com a sensação de que alguma coisa precisa ser dita, de que a revelação do que está obscuro precisa ser trazida à tona. Todavia, os personagens fogem do desvendamento da “verdade” e, assim, o ponto de vista acaba se fragmentando em meio à subjetividade deles.

Constata-se, com base nisso, que nada pode ser revelado devido ao contexto social no qual estão envolvidos os personagens – o sistema patriarcal – que impede a autonomia dos sujeitos. Eles são oprimidos e se oprimem mutuamente, espalhando hierarquizações e relações de poder marcadas pela opressão e pela violência física e psicológica. Assim, Cornélio Penna, especialmente em *A menina morta*, mergulha no caos dos sujeitos que faziam parte de um sólido sistema patriarcal que deixou marcas quase que irreversíveis na sociedade brasileira.

Referências

- AMADO, J. *Apontamentos sobre o Moderno Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Lanterna Verde, 1934 *apud* BUENO, L. Uma História do Romance Brasileiro de 30. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000231424>> Acesso em: 28 jun. 2011.
- ATAÍDE, T. de. Nota preliminar a *Fronteira*. In: PENNA, C. *Cornélio Penna: Romances completos*. Rio de Janeiro: José de Aguiar, 1958, p. 3-5.
- BOSI, A. *História Concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BUENO, L. Uma História do Romance Brasileiro de 30. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000231424>> Acesso em: 28 jun. 2011.
- _____. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Edusp/Campinas, Unicamp, 2006.
- CANDIDO, A. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *et al.* (Orgs.), *A personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- COUTINHO, A. *et al.* *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970.
- CUNHA, F. *Situações da Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

- FILHO, A. *Os Romances da Humildade*. In: PENNA, C. *Romances Completos: Romances completos*. Rio de Janeiro: José de Aguiar, 1958, p. 13-34.
- MIRANDA, W. M. *A menina morta: a insuportável comédia*. 1979. 154 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1979. _____. “Posfácio”. In: PENNA, Cornélio. *A menina morta*. Rio de Janeiro: Artium, 1997.
- MILLIET, S. Nota Preliminar a *Repouso*. In: PENNA, C. *Romances Completos: romances completos*. Rio de Janeiro: José de Aguiar, 1958.
- NUNES, B. *O Tempo na narrativa*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- PENNA, C. *Fronteira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.
- _____. *Romances completos*. Rio de Janeiro: Aguiar, 1958.
- PRIORI, Mary Del. Família na colônia, um conceito básico. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/historiaviva>> Acesso em: 30 jun. 2011.
- ROSENFELD, A. *Reflexões sobre o romance moderno*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- RUFINONI, S. R. *Favor e Melancolia: estudo sobre A menina morta, de Cornélio Penna*. São Paulo: Edusp, 2010.
- SANTOS, J. F. dos. A nação irrealizável de Cornélio Penna. *Revista Em Tese*, Belo Horizonte, v. 9, p. 135-142, dez. 2005.
- SCHMIDT, A. F. O anjo entre os escravos. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1955. In: PENNA, C. *Romances Completos* (Nota Preliminar). Rio de Janeiro: José Aguiar, 1958, p. 724.
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. Forma e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar: 1997.